



ENCONTROS ENTRE RIO/MAR: A PESQUISA COMO FLUXO

ENCUENTROS RÍO/MAR: LA INVESTIGACIÓN COMO FLUJO

ENCOUNTERS BETWEEN RIVER/SEA: RESEARCH AS FLOW

Carolina Cony¹

Pedro José de Freitas Ziroldo²

Resumo

Uma carta pode ser considerada um gesto íntimo. Uma ação que vislumbra um percurso futuro e deseja atravessar oceanos, continentes, montanhas e rios. Desse modo, nos interessa experimentar uma escrita Carta, que assume a distância e a usa de forma poética, criando diálogos íntimos, reflexivos e poéticos. Neste ensaio, nos aventuramos em partilhar nossas histórias, vontades e elaborações intelectuais de maneira afetiva e não dissociada das emoções. Compartilhamos as memórias e os acontecimentos da vida, que nos incentivam a criar percursos epistemológicos através do pensamento poético, da escolha das palavras-carne, da ação de narrar, com a possibilidade inventiva de criar correspondências entre dois artistas/educadores/pesquisadores, que desenvolvem suas pesquisas no campo da educação. Embarcamos nos mistério de criar caminhos, de carona no fluxo das águas. Digamos que o pesquisador seja o rio, e vive a mesma intenção de se movimentar e encontrar. Nessa teatralidade, por onde caminham suas águas? Não seria a pesquisa um movimento para fora de si, sem se fazer desaparecer? Não seria esse trânsito complexo de acontecimentos, corpos, afetos, emoções que escorrem na escrita? Pesquisar-viver o encontro rio-mar.

Palavras-chave: pesquisa; experiência; educação; pensamento poético; correspondência.

Resumen

Una carta puede considerarse un gesto íntimo. Una acción que vislumbra un camino futuro y desea cruzar océanos, continentes, montañas y ríos. De este modo, nos interesa experimentar con una escritura de cartas, que asuma la distancia y la utilice de forma poética, creando diálogos íntimos, reflexivos y poéticos. En este ensayo, nos aventuramos a compartir nuestras historias, deseos y elaboraciones intelectuales de forma afectiva y no disociada de las emociones. Compartimos nuestros recuerdos y acontecimientos vitales, que nos animan a crear caminos epistemológicos a través del pensamiento poético, la elección de palabras-carne, la acción de narrar, con la posibilidad inventiva de crear correspondencias entre dos artistas/educadores/investigadores, que llevan en sus historias caminos que balancean y fundamentan sus investigaciones en el campo de la educación. Nos embarcamos en el misterio de crear caminos, dejándonos llevar por el flujo de las aguas. Digamos que el

investigador es el río, y vive la misma intención de moverse y encontrar. En esta teatralidad, ¿por dónde discurren sus aguas? ¿No sería la investigación un movimiento fuera de sí mismo, sin hacerse desaparecer? ¿No sería este complejo tránsito de acontecimientos, cuerpos, afectos, emociones que fluyen en la escritura? Investigar-vivir el encuentro río-mar.

Palabra clave: Investigación; Experiencia; Educación; Pensamiento poético; Correspondencia.

Abstract

A letter can be considered an intimate gesture. An action that glimpses a future path and wishes to cross oceans, continents, mountains and rivers. In this way, we are interested in experimenting with a Letter writing, which assumes the distance and uses it in a poetic way, creating intimate, reflective and poetic dialogues. In this essay, we venture to share our stories, desires, and intellectual elaborations in an affective way, not dissociated from our emotions. We share our memories and life events, which encourage us to create epistemological paths through poetic thought, the choice of flesh-words, the action of narrating, with the inventive possibility of creating correspondences between two artists/educators/researchers, who develop their research in the field of education. We embark on the mystery of creating paths, hitching a ride on the flow of the waters. Let's say that the researcher is the river, and lives the same intention of moving and finding. In this theatricality, where do his waters flow? Wouldn't research be a movement outside of itself, without making itself disappear? Wouldn't it be this complex transit of events, bodies, affections, emotions that flow through the writing? Researching-living the river-sea encounter.

Keywords: Research; Experience; Education; Poetic Thought; Correspondence.

Recepción: 23/05/2023

Evaluado: 30/05/2023

Aceptación: 15/06/2023

Acho que as águas iniciam os pássaros
Acho que as águas iniciam as árvores e os
peixes

E acho que as águas iniciam os homens.
Nos iniciam.

(Manoel de Barros)

Uma carta pode ser considerada um gesto íntimo. Uma ação que vislumbra um percurso futuro e deseja atravessar oceanos, continentes, montanhas e rios. Ao escrever uma carta, criam-se as fantasias do gesto do outro, daquele que a recebe. Da surpresa, da leitura, e da emoção. Uma carta carrega histórias íntimas, conversas, elaborações, poesia. É um modo de registrar as distâncias, na tentativa de diminuí-las, enfrentando-as para

encurtar os caminhos. Desse modo, nos interessa experimentar uma escrita Carta, que assume a distância e a usa de forma poética, como as conversas entre artistas e escritores, que criam diálogos íntimos, reflexivos e poéticos.

Nos inspiramos nas cartas de Rainer Maria Rilke, Hélio Oiticica e Lygia Clark. Artistas e escritores nos deixam como inspiração, palavras e ideias a serem compartilhadas, registrando elaborações sobre o fazer artístico, as revoltas, as dúvidas, os ensinamentos.

Não escreva poesias de amor. Evite de início as formas usuais e demasiado comuns: são essas as mais difíceis, pois precisa-se de uma força grande e amadurecida para se produzir algo de pessoal num domínio em que sobram tradições boas, algumas brilhantes. Eis porque deve fugir dos motivos gerais para aqueles que a sua própria existência cotidiana lhe oferece; relate suas mágoas e seus desejos, seus pensamentos passageiros, sua fé em qualquer beleza - relate tudo isto com íntima e humilde sinceridade. Utilize, para se exprimir, as coisas de seu ambiente, as imagens de seus sonhos e os objetos de suas lembranças. Se a própria existência cotidiana lhe parecer pobre, não a acuse. Acuse a si mesmo, diga consigo que não é bastante poeta para extrair as suas riquezas. Para o criador, não há pobreza nem lugar mesquinho e indiferente. (Rilke, 2013, p. 23)

Com Rilke, nos encantamos com o modo pelo qual nos apresenta a importância do amadurecimento, como possibilidade de aprofundamento poético. Conselhos de deixar-se amadurecer para falar das coisas simples, porque são elas as mais difíceis. Cartas carregadas de ensinamentos de um grande poeta, que vai muito além de conselhos sobre literatura. Cartas carregadas de humanidade.

Como artistas pesquisadores, nos interessamos nos encontros que a troca de cartas pode promover, através das narrativas pessoais, do compartilhamento de desejos, sonhos e angústias. Cria-se um diálogo afetivo, como processo metodológico de pesquisa. Um modo de se comunicar e de refletir, elaborar. Como uma costura entre duas pessoas que estão longe, cada uma elabora o ponto necessário para dar consistência à tessitura do diálogo.

[...] a/o pesquisadora/pesquisador que assume um fazer cartográfico está implicada/o com uma produção que visa dialogar sobre escrita, pesquisa e cuidado, preocupada/o em performar uma metodologia que consiga acionar encontros e escritas que façam a vida vibrar e que acione diferentes modalidades textuais. Nomear como cartografia, desta forma, diz respeito à importância que ganham as correspondências no processo de pesquisa. Uma política de pesquisa inspirada em metodologias como pesquisa-ação, cartografia e pesquisar com. (Battistelli; Oliveira, 2021, p. 684)

Desse modo, nos aventuramos em partilhar nossas histórias, vontades e elaborações intelectuais de maneira afetiva e não dissociada das emoções. Compartilhamos as

memórias e os acontecimentos da vida, que nos incentivam a criar percursos epistemológicos através do pensamento poético, da escolha das palavras, da ação de narrar. Uma carta pode carregar as imagens afetivas das palavras. Distribuir pensamentos e deixar vazios para novos diálogos. A ação de escrever emaranhada na ação de ler. Escritor/a leitor/a.

Podemos imaginar que, agora, nesse exato momento, alguém finaliza uma carta. Esse alguém está dobrando a folha de papel, inserindo-a delicadamente dentro do envelope, utilizando o tradicional movimento da língua deslizando sobre o papel e a cola, e fechando-o, para endereçar ao remetente. A leitura de cartas de outros tempos, nos convida a adentrar neste jogo do tempo, entre a ação e a espera. Imaginamos, então, as cartas percorrendo longas distâncias, atravessando oceanos, em navios repletos de novidades, preocupações, ansiedades, medos e saudades. Imaginemos os tempos suspensos entre a escrita e a leitura, entre novamente a escrita, o percurso e a leitura. Enfrentando possíveis desvios, perdas e vozes. As cartas são gestos íntimos.

Dessa forma, nos inspiramos com a possibilidade inventiva de criar correspondências entre dois artistas/educadores/pesquisadores, que carregam em suas histórias percursos que embalam e fundamentam suas pesquisas no campo da educação. Encharcados das águas oceânicas e dos rios, que marcam os territórios que habitamos atualmente, trocamos cartas virtuais desaguando com as palavras. Contamos como somos convidados a percorrer paisagens e a correr com o fluxo do rio. Embarcamos nos mistério de criar caminhos, de carona no fluxo das águas. Vamos a elas!

Ribeirão Claro, hoje as nuvens parecem se aproximar.

Carol,

Para onde caminham as águas? Entre a nascente e o mar, vive o rio. Nem origem, nem destino, mas entre. Neste espaço de oposições e inconstâncias flui vivente o rio. As águas correntes aceitam vir a ser, estar, ser processo, transformação, movimento, contradição. Há força em suas águas, há luta em suas forças. Águas que correm, que saciam, que devastam, que alimentam e esculpem novas formas em rochas tão antigas. Talvez seja essa a poesia contada pelo rio, talvez o caminho para a Pesquisa em Educação seja, ser rio.

Ao nascer, o rio parece, simultaneamente, ter intenção ao movimento e ao encontro. Suas águas desejam correr até outros rios, que correrão até outros rios e chegarão ao mar. No caminho, transformarão as paisagens e serão transformadas por elas. A vida do rio será sempre no presente, com intenção de seguir e, com a força dos seus trajetos. A cor, os vestígios, o volume, o ritmo, e as vidas no rio contarão por onde ele passou, por isso, nunca falará sozinho. Suas águas, ganharão novos sentidos a cada movimento e a cada novo encontro.

Digamos que o pesquisador seja o rio, e vive a mesma intenção de se movimentar e encontrar. Nessa teatralidade, qual o papel da Pesquisa? Acreditar na poética da experiência, do encontro, da presença e da corporeidade, abre possibilidades para uma investigação que confia nos afetos, nos espantos, nas sensibilidades e “mu-danças”.

Neste sentido, garantir em nossos processos de pesquisa, a vivência do corpo presente e sensível, é refletir sobre o dialogismo e a alteridade, pois estamos enlaçados em um mundo no qual é possível nos mover.

Viver o nosso corpo aqui e agora em nossas investigações, torna-se uma atitude estética e ética, poética e política, pois é na relação que construímos enunciados para significar as nossas experiências sobre as coisas, o mundo, a nossa história e os nossos fazeres, sempre em relação íntima com o outro. Como redescobrir a sabedoria dos sentidos e da intuição, dos afetos e memórias, da beleza do encontro, da poesia dos movimentos cotidianos, da comunicação e expressão genuínas, da linguagem e enunciados do corpo na pesquisa em educação?

Ser pesquisador/educador/artista é uma construção diária. Como num trabalho artesão de inventar e de reinventar e de criar nos detalhes, sempre que necessário, este papel através das nossas “experiment-ações” (ALVIM, 2014).

É preciso se arriscar nos rios e mares ainda não conhecidos e isso significa estar aberto a intimidade, seja consigo mesmo, ou na relação com os vários outros que já nos habitam ou encontramos nesse percurso, muitas vezes, alterando as rotas e solicitando transformações no barco, nas águas, e no navegante dessas travessias, ou como preferirem, nos métodos, nas formas e nos conteúdos das nossas pesquisas.

É como pegar o barco e partir do conforto do nosso cais, para navegar em águas desconhecidas. Essa embarcação, nos permite experimentar o espaço-tempo-corpo-outro, é como estar disponível ao encontro de novas paisagens, criaturas, tempestades, calmarias, pescarias fartas e também a escassez. Abrir-nos às novas oportunidades e reinventar aquilo que já é conhecido, através dos sentidos.

O processo investigativo, pode se tornar uma grande embarcação, pois, assim como nunca haverão navegações exatamente iguais, uma vez que, o barco, as águas, a paisagem, o pescador e os peixes estarão sempre em transformação, os sujeitos participantes da pesquisa também estão sempre em movimento. Parece então que, a pesquisa em educação é movimento e encontro, tal como o rio e suas navegações. Logo, haverá criação de novos sentidos e transformações nas “margens”, tanto nos objetos de pesquisa, quanto nos sujeitos que os inventam e participam, se o movimento e o encontro forem acolhidos e experienciados efetivamente e afetivamente.

Contudo, primeiro precisamos superar as dicotomias corpo-mente, razão-sensibilidade, palavra-movimento e, simultaneamente, acolher a corporeidade como sede de encontros, como forma de ser e estar no mundo e lugar de onde emergem os sentidos e significados.

O corpo, sendo expressivo, possui função simbólica, enuncia e comunica, é significado e significante. Ao vivermos nossos corpos, transformamos o mundo em arte, criamos e recriamos o mundo e a nós mesmos, num movimento dialógico, uma vez que o corpo não fala sozinho, fala com e para alguém, mesmo quando está só, por isso sua natureza é relacional. Quando iniciamos uma investigação, atrevemo-nos a nos perguntar “Para onde caminham minhas águas?” Quem encontro ou quero encontrar nesse caminho?

Aguardo a sua resposta como a chuva que se anuncia.

Lindeza,
Pedro

Rio de Janeiro, num dia quente.

Querido Pedro,

Que alegria ler sua carta. Tenho pensado muito sobre as dificuldades dos inícios. Um gesto que inaugura uma conversa ou uma escrita, sempre me causa um certo espanto. Diante da possibilidade de um primeiro passo, assombro-me e percebo-me arriscando alguma coisa preciosa, que não sei ao certo o que pode ser. Algo me desestabiliza e perturba. Mas ao enfrentar esses inícios fantasmagóricos, o pensamento parece fluir como um rio. Pensei, então, nos inícios como a nascente de um rio. Penso nessas origens das quais nunca tive a oportunidade de ver, infelizmente, e vislumbro o início de uma conversa como uma nascente. Um lugar de nascedouros de fluxo, de ideias, de gestos, de palavras, de narrativas, de histórias. Um acontecimento que não se dá num rompante, mas sim, num gesto sutil, miúdo, talvez, e que se amplie na medida em que vive, desloca, conhece, percebe e compõe paisagens. Parece-me ser de uma força e beleza tremenda.

Atualmente moro numa cidade que carrega o rio como primeiro nome. Sempre gostei das origens das coisas, ou da tentativa de chegar à elas, mas foi numa conversa com minha filha sobre uma aula de história que ela havia tido, que descobri que o nome da cidade se deu por um equívoco (ou mais um deles) dos colonizadores Portugueses, que ao chegarem na Baía de Guanabara acreditaram se tratar de um rio e não de um mar. De equívocos em equívocos, me recordei da minha cidade natal, Porto Alegre, na qual existe um rio que dizem ser lago. E de um lago que dizem ser rio. Guaíba. Parece ser uma disputa de interesses financeiros, mas necessitaria de um estudo mais aprofundado para saber os motivos desta batalha de significados.

Escolhi viver numa cidade carregada de águas correntes, que compõem paisagens deslumbrantes, que me carrega pra cima e pra baixo, que me fez estar aqui e agora escrevendo com e para você. Neste momento não há como não pensar nos tantos acontecimentos que me trouxeram até aqui, neste momento em suspensão. Porque não há como saber o que vem adiante. Por onde correrão as águas desse rio? Quais desvios vão ser traçados e pra onde me lançarão? Será que realmente importa tentar saber?

É na intimidade de uma carta, que podemos falar profundamente de nós. Uma carta só pode ser escrita, porque não é possível ser falada. Não tem som. Tem imagem, tem o ato de escrever e o ato de ler. Tem o tempo que distancia as ações. Tem uma distância geográfica, na qual estamos apartados territorialmente. Tem como você lê, tem como eu escrevo. Tem todos os pensamentos que não são escritos, mas embalam a ação de escrever. Tem as tecnologias, as luzes da tela e os teclados cantantes. Na intimidade de uma carta, há um “entre”, uma pausa, um instante de silêncio. Aqui já anunciado.

Beijo grande!
Carol

Ribeirão Claro, um dia quase chuvoso.

Carol, minha amiga das águas

Posso chamar-te de mar?

Enquanto leio sua carta, sinto o meu corpo pendular alternando entre ir para frente e ir para trás, possivelmente meus pés e quadril garantem um pequeno equilíbrio, mas eu quero correr esse risco, quero deixar nascer esse “algo” que parece querer brotar desse balanço, do vai e vem, do embalo, um ninar talvez? Há algo de maternal nas suas palavras e talvez eu não compreenda, mas sinto em meu movimento esses gestos que caberiam num colo. Mais uma vez me atrevo a dizer: Tem algo de materno, mãe, mar... Filha? Engraçado como as águas nos mobilizam para as origens das coisas não é mesmo? Agora, nesse momento, meus olhos querem “*inaugurar uma dança*”, como você diz. Um minuto, por gentileza?

(Nasce agora um rio dos meus olhos).

Seria a escrita um jeito ou gesto de ninar? Em nossas investigações e criações desejamos colo, Carol? Nos encontros que vivemos em nossas pesquisas queremos também sermos encontrados? Ah! Agora me lembrei da Elza Soares interpretando a canção “O meu Guri” do Chico Buarque, se lembra? Tinha algo de nascente naquela voz, não é mesmo?

“[...] Eu consolo ele, ele me consola

Boto ele no colo pra ele me ninar [...]”

É interessante como há sempre uma possibilidade de afeto nisso tudo. Não quero parecer um sujeito voltado para mim mesmo, nem sou devoto desses movimentos subjetivantes demais, gosto mesmo é do encontro, do “entre” como você traz na carta, contudo, sinto (com mil chances de estar equivocado) que há uma coreografia dialógica em nossas intenções de pesquisa, como na mãe que canta sobre a sua relação com o filho, que não oferta carinho apenas, mas também é tocada por ele enquanto o pendula sobre os seus braços. Enquanto tocamos, somos tocados, enquanto vasculhamos sobre algo, também somos vasculhados e aí reside uma certa natureza polissêmica da experiência vivida, de modo simples, em nossos gestos motores somos aquele que toca e é tocado, numa relação mútua entre tocante-tocado (Merleau-Ponty 2000). Num encontro entre o rio e o mar, é possível dizer que um só toca, esbarra, contacta, roça, resvala, tatea, palpea, dedilha, tange, abraça, namora? E em nossas investigações, será que estamos apartados dessa “co-moção”? Você me comove, mar.

Antes que eu me perca nas deduções, posso te contar sobre o meu rio? O lugar onde vivo também recebe esse nome, mas em comparação ao seu é um pequeno rio, por isso o chamamos de ribeirão, Ribeirão Claro.

Conheci uma região no sertão do Paraná, a qual é cortada por um rio extenso e claro, ninguém da vizinhança sabia dizer onde nasciam e onde desembocavam aquelas águas,

entretanto, se abasteciam e se refrescavam às suas margens. Em algum momento da história, foi dito ser expressamente proibido a entrada dos moradores no rio e a contemplação de suas imagens refletidas naquelas águas, pois se tratava de um rio sagrado e perigoso ao mesmo tempo. Além de não saberem para onde ele era capaz de levá-los, as imagens refletidas nele poderiam revelar segredos com os quais os nativos não seriam capazes de conviver. Quem desobedecesse à censura sofreria a punição de não mais viver nas redondezas do ribeirão claro.

Diziam os mais antigos, que os meninos e meninas curiosos que se atreveram a entrar no rio nunca mais foram vistos, mas nada disso amedrontava o menino que conheci junto àquela região. Ele imaginava o dia em que mergulharia nas águas proibidas e descobriria seus segredos mais profundos, só temia ir para longe, por isso dedicou-se à construção de um barco que lhe trouxesse de volta caso a distância fosse maior do que o desejo de navegar.

“Sai de perto deste rio!” diziam seus pais, “quem entrou nunca mais voltou”.

“Mas foram para onde?” Questionava o olhar curioso do menino e ninguém se arriscava em acalmar sua lombriga com uma resposta sobre o caminho que seguia o rio. O menino parecia ter nascido para aquelas águas e não fazia sentido continuar fora delas.

O pequeno recolheu tudo que tinha e fez o seu barco. Para o remo usou a teimosia e para pescar a bisbilhotice. Como era de se imaginar, um dia o menino pôs seu barco no cais e de lá partiu, rio.

Sabe-se lá onde foi parar aquele curioso, a verdade é que não atravancou e continua a remar. Os que ficaram raramente tocam no assunto, no entanto, contam com orgulho sobre pescarias desses navegantes de nomes Teimosia e Coragem, e vigiam porque sempre existirá um novo coração enxerido com vocação para navegar.

No conto eu sou o menino, o rio, o barco, o peixe e a pescaria.

Fico imaginando as nossas crianças brincando nas águas (talvez seja isso que estamos vivendo aqui).

Saudade, minha amiga.

Pedro

Rio de Janeiro, fim de domingo.

Pedro, querido.

Acordo com essa carta transbordante, que me impulsiona à escrita. Tenho sentido esse ato/gesto como um meio de transbordar as emoções. Fazer-se sensível às águas que escorrem dos olhos enquanto lemos, escrevemos, percebendo-nos vivos e sensíveis. Se tratando das origens, convoco Didi-Huberman que também se volta para elas por um breve momento: “Nascemos chorando. Ninguém se lembra, mas que emoção deve ser, uma enorme emoção, essa de nascer, de vir ao mundo” (DIDI-HUBERMAN, 2016, p.09). Nascemos transbordantes, revoltados, espantados com a saída repentina da nossa

primeira casa. Gosto de pensar, assim como você, que as águas nos fazem imaginar as origens, inventá-las.

Uma cidade que carrega o rio no seu nome, é banhada pelo mar. Talvez, aqui, me perceba como mar. Na ação repetida de ir e vir, na calma que pode ninar, até a revolta em explosão quando a onda se quebra, que puxa gente, barco, bicho. Que força as águas podem ter. Ando como um mar revoltado ultimamente. As águas se acumulam e crescem, se transformando em ondas que quebram violentamente. Um movimento brusco, decidido e volumoso. Tenho sentido as reviravoltas do processo de pesquisa que precisou inventar seu fim, para ter continuidade de outras formas, como um gesto inacabado (SALLES, 1998), infinito. Ao longe as ondas não podem ser vistas. Tudo parece calmo. Sinto-me entre calma e revolta. Que força podemos ser nos percursos da vida, da pesquisa, da arte? Percorrer as paisagens e vivenciá-las por inteiro. Somos as águas todas? Somos encontro das águas?

Crio um mapa imaginário, mas não desenho no papel, vislumbro no pensamento um território amplo, que é ligado a outros territórios por fios inventados. Esses fios ligam cidades que carregam águas, num movimento contínuo entre origens, memória e possibilidades futuras: vontades. Me vem ao pensamento a cidade na qual nos descobrimos íntimos e inventivos, andando por suas ruas carregadas de maresia. Mar del Plata seria cidade-encontro geográfico-afetivo para inventar narrativas íntimas? Seria o encontro das águas? Elas parecem ferver.

Visitamos a Casa de artista (Maria Alejandra Estifique), casa-galeria, atelier/casa, e nos transportamos para os cômodos/países num piscar de olhos, presenciamos as ações de uma *Pedagogia Doméstica* mudar os móveis de lugar para criar movimento caseiro - mudanças pequenas para grandes aberturas simbólicas (Francisco Ramallo), transformamos a sala da casa em palco para shows de blues (Victoria Grecco) e danças coletivas. Conversas ao redor da mesa, danças da madrugada, partilhas artísticas, escritas, apresentações, invenções. Laços afetivos na cidade de água salgada. Há que se viver em deslocamento, como um viajante que está sempre no entre lugares, ou como as águas sempre em percursos vivos. Não deixemos as águas morrerem paralisadas!

Tem algo nas águas que me leva a imaginar as emoções. Não sei se é porque acabamos de ler o texto de Didi-Huberman, mas as imagens que surgem no pensamento são poeticamente atravessadas por uma ligação entre rio-mar-movimento-emoção. Essa sensação surgiu no momento em que li o conto do menino do rio. Algumas imagens me chamaram a atenção: um rio sagrado e perigoso, do qual não se sabia a origem, no qual também foi proibido de adentrar. Os mistérios das águas, seus perigos. Seriam, as emoções, perigosas?

“Sai de perto deste Rio!” Poderíamos adentrar nas emoções e convocá-las como movimento que fundamenta a pesquisa, e com ela adentrar na intimidade de um diálogo dançado entre rio-mar? Poderíamos desobedecer às autoridades paternas e outras, adentrando as águas do rio, narrando através da nossa experiência, no movimento que a emoção nos proporciona? “[...] uma *emoção* não seria uma e-moção, quer dizer, uma moção, um movimento que consiste em nos pôr para fora (e-,ex) de nós mesmos?” (DIDI-HUBERMAN, 2016, p.26). Não seria a pesquisa um movimento para fora de si, sem

se fazer desaparecer? Não seria esse trânsito complexo de acontecimentos, corpos, afetos, emoções que escorrem na escrita?

Escrever para você é um mergulho nas perguntas e curiosidade. Como é bom pensar junto!

Muita saudade de você!

Muitos beijos!

Carol

Ribeirão Claro, ainda não chove.

Ah, mar!

Você me comove.

Não seria a vida um movimento para fora de si, sem se fazer desaparecer?

Ainda não sei sobre o que lhe escrever, queria dizer coisas importantes, tenho palavras vivas no meu corpo depois de ler a sua última carta, mas não sei se desejo traduzi-las, sinto medo de perdê-las, de não serem capazes de mensurar ou talvez o pavor é de não serem mais minhas somente, se é que por um instante já foram. Não, não são só minhas, tampouco suas apenas, é criação desse com-tato então? Tato, pele e como disse o poeta, o mais profundo é a pele e eu acredito nos poetas, eles não trazem certezas sobre nada, mas escrevem sobre a “carne do mundo”, a mesma de que somos feitos, “ambos se imbricam mutuamente” (Merleau-Ponty, 2000, p.225). Carol, habitamos com nossas pesquisas-vidas o limiar? O tecido que ousamos bordar com as nossas palavras-carne é fronteiro? Nem dentro, nem fora, nem lá, nem cá, nem rio e mar, nem pesquisa e vida, mas no entre?

Eu sei que a discussão é milenar, e os dualismos e dicotomias ainda nos assombram, mas como estamos descrevendo as nossas experiências de intimidade sobre a pesquisa em nossas vidas, parece que estamos falando sobre as nossas subjetividades nesse processo de encontrar e ser encontrado pelo outro, e aí as emoções, os pensamentos, sensações surgem como matéria. Acredito que, já não se tratam de uma matéria intrapsíquica, mas conteúdo sentiente da experiência vivida no campo, ou seja, no encontro com um outro diferente de mim, em situação. Como nos diz Merleau-Ponty (1994, p. 487) “a subjetividade não é nunca identidade imóvel consigo. Para ser subjetividade ela deve abrir-se a um Outro e sair de si”.

Somos parte de um quiasma, Carol? Continuo com a imagem que você me ofereceu sobre os fios inventados que nos conectam uns aos outros afetivo-geograficamente. Acontece que somos feitos da mesma carne do mundo (não idênticos) e não há álibi, somos seres dialógicos, e o outro é condição existencial, assim como o corpo, o tempo e o mundo.

Sujeito-mundo, sujeito-outro. Como fugir das velhas possibilidades que nos convidam a nos entender ou como idênticos/misturados ou diferentes/partes estranhas? “Em vez de rivalizar com a espessura do mundo, a de meu corpo é, ao contrário, o único meio

que possuo para chegar ao âmago das coisas”, nos acalma ou assusta Merleau-Ponty (2000 p. 132).

Sendo assim, só é possível acessar o que está fora se com ele eu coexistir, numa relação que não aconteça numa lógica de sobreposição, hierarquia ou distanciamento. Intimidade? Coexistimos com o que está “fora” habitando-o com nosso corpo, nosso olhar, escutar, tocar, cheirar, degustar e só por sermos feitos da mesma carne, é que essa experiência se torna possível a nós. Há algo de familiar entre nós, há correspondência entre o possível “fora” e o possível “dentro”. E na sua ontologia da carne, o filósofo apresenta uma conexão corpo-mundo que “comunica às coisas sobre as quais se fecha identidade sem superposição, essa diferença sem contradição” (Merleau-Ponty, 2000, p. 132).

É paradoxal e complexo, não é minha amiga? Como não desaparecemos nesse movimento de ir até o outro?

Retorno a pele, fronteira, lugar de trânsito e de contorno, feito dos mesmos tecidos mais profundos do nosso corpo. A Ectoderme é a camada que dá origem ao sistema nervoso central, ao sistema nervoso periférico e ao epitélio sensorial dos órgãos sensitivos.

Um arrepio me faz interromper o texto.

“Preciso caminhar um pouco, talvez eu traga coisas “desimportantes” como nos aponta Manoel (BARROS, 2011), para nos salvar das ideias sem carne (risos) Me espera? “

...

Voltei, Carol, mas não para o mesmo lugar.

Estrada de terra, árvores, céu ainda nublado, sozinho. Sinto a mãozinha quente segurando a minha e, de repente, já não estava mais como antes. Um menino tagarela, não parava de falar e eu só sentia vontade de voltar a caminhar, a sós.

Ele me contou como contornava a cidade para não precisar passar pelo centro e, que assim fazia todo dia ao ir para a escola. Me contou quando brincava de pique-esconde, mas nunca era encontrado, me contou da vontade de rebolar e rebolava, escondido. Psiu! Pare de falar tanto! Mas as palavras da criança foram se transformando num choro que escorreram pelos meus olhos (ando chovendo esses dias). Olhei para o lado, um cãozinho todo machucado, queria levar para a casa, mas moro com meus pais. Na barriga um tumor. Ele me seguia e eu por alguns minutos cuidava dele. A criança? Não sei onde foi parar. O bicho me seguiu estrada a fora e quando entendi que não podia cuidar dele e ele continuava a me seguir eu parei e disse: - Vá pra casa! (Não sei se tinha uma). Ele baixou as orelhas e eu corri, corri rápido e mais rápido. Espiei e ele estava lá no mesmo lugar, sozinho. Imaginei ter deixado o menino para trás. Respirei e me lembrei que te encontraria através das cartas.

Quando eu estava voltando da caminhada, me lembrei de um conjuntinho de moletom lilás que eu só usava em datas importantes para ir à escola. Que lindo ele era! Acordava mais cedo do que o costume, me vestia com a roupa preferida (parecia uma violeta) e contornava a cidade para chegar até a escola. Mas quando chegava na sala falava baixinho, depois falava sem voz, e... até falar só para dentro.

A experiência do encontro é um perigo!

[...] a experiência supõe também que algo passa do acontecimento até mim. [...] Esse passo também é uma aventura e, portanto, tem algo de incerto, supõe um risco, um perigo. De fato, o verbo “experenciar” ou “experimentar”, que seria “fazer uma experiência com algo” ou “sofrer uma experiência de algo”, se diz, em latim, *ex/periri*. E de *periri* vem, em espanhol, a palavra perigo (LARROSA BONDÍÁ, 2006, p.89)

O menino, a estrada, o cachorro me fizeram querer celebrar esse nosso rito. Não tenho mais o moletom lilás, contudo uso a minha camisa preferida. Camisa de botão, manga curta, laranja, na estampa flores vermelhas e amarelas com folhagens verdes, mas descalço para entrar nesse lugar que estamos construindo. Eu sei que em algum momento precisaremos usar um ponto, no entanto, até que ele não decida morar em nossas cartas, quero lhe dizer que hoje não preciso mais contornar a cidade quando volto para casa, todavia, esses dias lhe escrevendo, em especial hoje após os caminhos em direção ao meu menino e de volta até você, me dei conta de quanto a pesquisa que me atrevo a realizar, também é uma tentativa de não precisar mais dar voltas e voltas para evitar o encontro, por medo de não ser encontrado. Eu quero, sempre que possível atravessar pelo meio, desejo os riscos da experiência, a imprevisibilidade do encontro, quero viver vulnerável, mesmo que num instante. Não estou pronto, mas disponível para continuar vivendo as “mu-danças” que os percursos da investigação oferecem.

Talvez, em alguns momentos queiramos fugir do íntimo e do contato em nossas pesquisas, pois as pessoas, situações, lugares, coisas, objetos, mundos nos assustam e o receio do risco nos paralisa ou neutraliza, porém, qual é o espaço que permitimos abrir para o perigo ocorrer em nossas “experiment-ações-pesquisas”? Caminhamos distantes ou corremos o risco?

Escuto o vento anunciando a chuva. Águas. Uma nascente que vira rio, rasga a superfície, molda rochas antigas, se esvai, ganha volume, é poluído, se purifica, muda de cor, evapora, faz chover, alimenta, inunda, rompe fronteiras, torna-se limite, é casa, expulsa povoados, cascadeia, represa, ganha força, correnteza, faz-se estrada, enxurrada, tromba d’água, afoga, é deusa, monstro, redemoinho, volta a caminho do mar. Tudo pelo encontro. Quer ser com o mar, viver o instante que é ser rio-mar.

Por hoje, preciso me despedir, se aproxima uma tempestade e sua sombra está cobrindo o meu quarto. Vou acender uma vela que dê conta de iluminar os cantos no escuro, caso eu sinta medo de enxergar.

Vou pedir às águas que levem meu abraço.

Até logo.

Pedro

Rio de Janeiro, finalmente uma brisa.

Pedro,

Aguardei seu retorno, numa suspensão do tempo. Os pontos desenham a espera no papel, uma ação em calmaria: esperar. Enquanto esperava seu retorno adormeci, e o sonho me mostrou estrada, caminho. Sua carta carrega a chuva, imagino então, uma estrada úmida, de terra. E um som suave de águas que correm horizontalmente, e pingos de chuva que aumentam seu volume aos poucos. Imagino a cor do céu, o desenho efêmero das nuvens e o rastro de sua caminhada na terra. Imagino os pés pequenos e as patas do cão. Imagino o rio e seu fundo, sua cor. Imagino os desvios inventados por você, evitando a cidade e seu centro, assim como os esconderijos.

A criança escondida atrás das cortinas torna-se ela própria algo de esvoaçante e branco, um fantasma. A mesa da sala de jantar, debaixo da qual se acocorou, transforma-a em ídolo num templo em que as pernas torneadas são as quatro colunas. E atrás da porta ela própria é porta, recoberta por ela, máscara pesada, mago que enfeitiçou todos os que entrarem desprevenidos. Por nada deste mundo pode ser descoberta. (BENJAMIN, 2013, p 102/103)

Encontramo-nos, assim, com a possibilidade de nos tornarmos não exatamente o que experimentamos nos encontros, mas as aberturas que eles nos possibilitam. Tem algo a ver com os entres, como você falou anteriormente. E tem algo a ver com a espera. Não acredito que haja um ponto final, estamos no fluxo das águas que correm e das águas que caem. São tantas direções e vetores, que não há uma determinação final. Não um fim específico. Escrevo com muitas imagens de encontros, de caminhos, trilhas, risos e conversas. Escrevo com vontade. Escrevo já inclinada a arrumar a mala e pegar a estrada. Escrevo na estrada, no balanço de um transporte terrestre. Escrevo nos ares, dentro de um avião. Escrevo de dentro de um quarto fresco por causa do ar condicionado. Escrevo com gana pela presencialidade. Por aqui, aguardo ansiosa por esse “até logo”, que espero que seja breve.

Com amor,
Carol

Referências

- Alvim, M.B. (2014). A poética da experiência: Gestalt-terapia, fenomenologia e arte. Rio de Janeiro: Garamond.
- Barros, M. (2011). Poesia Completa. São Paulo: Leya.
- Battistelli, B. M.; OLIVEIRA, Érika Cecília Soares. (2021). Cartas: um exercício de cumplicidade subversiva para a escrita acadêmica. Currículo sem fronteiras, v. 21, n.2. p. 679-701, maio/ago.
- Benjamin, W. (2013). Rua de Mão única: infância berlinense: 1900. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Didi-Huberman, G. (2016). Que emoção! Que emoção? São Paulo: Editora 34.

Larrosa Bondiá, J. (2002). “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 9, abr. 2002, p. 20-28. Disponível em: <<https://raco.cat/index.php/Aloma/article/view/103367>>.

Merleau-Ponty, M. (1994). Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes.
_____ (2000). O visível e o invisível. São Paulo: Editora Perspectiva.

Rilke, R.M. (2013). Cartas a um jovem poeta. São Paulo: Globo.

Notas

¹Artista e Educadora, tem formação em dança pela Faculdade Angel Vianna, formação técnica em Teatro (TEPA/RS). Mestranda em Educação na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e bolsista FAPERJ. Integra o grupo de Pesquisa FRESTAS- Formação e Ressignificação do Educador, saberes, trocas, arte e sentidos.

²Artista da Cena, Educador e Psicólogo. Tem graduação em Psicologia pela PUCPR. Licenciatura em Teatro pela Universidade Ítalo-brasileira e Pedagogia pela UNIFACVEST. Especialização em Teatro e Expressividade pela UniCesumar. Mestrado em Artes da Cena pela ESACH e atualmente é doutorando em Educação na Universidade Federal do Paraná (UFPR) - bolsista CAPES. Integra os grupos de Pesquisa FRESTAS- Formação e Ressignificação do Educador, saberes, trocas, arte e sentidos e Labelit - Laboratório de Estudos em Educação, Linguagem e Teatralidades (UFPR/CNPQ).